

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Cozinheiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 161-163. ISBN: 972-774-133-9.

Cozinheiro.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Ajuda de Cozinha, Ajuda do Cozinheiro, Cozinheira, Migueiro, Moço da Cozinha, Mulher do Cozinheiro, Para ajudar à Cozinha.

Este empregado justo das herdades vivia nos montes ou sedes da lavoura e estava encarregado de fazer as refeições para os trabalhadores eventuais ou para os justos que assim o desejavam. Alguns trabalhadores justos (ver **Criado da Lavoura***) acordavam no contrato as comedorias, e com elas faziam as suas próprias refeições. Esta era a forma mais frequente nos casos em que tinham família e residiam na herdade, nas casas do monte. Neste caso formavam unidades de residência e de consumo próprias (Silva, 1987). Por outro lado, no caso dos ganhões, geralmente solteiros, os seus contratos podiam não incluir comedorias, mas sim alimentação. Nesses casos o lavrador tinha um cozinheiro que lhes preparava as refeições, vulgarmente assistido pela sua mulher ou por algumas **Criadas*** da casa. Por exemplo na lavoura de Lopes de Azevedo, em Avis (1915-19), existe a categoria de “Cuzinheiro e Mulher”, e no Monte Padrão em 1938 (Figueira e Barros) encontramos também a “Mulher do Cosinheiro” no conjunto dos trabalhadores fixos.

“As suas obrigações divergem de umas para outras lavouras. Se o lavrador e sua família reside no monte, o cozinheiro acumula as funções de amassador (ver **Amassadeira***) (...) Se porém o amo reside fora da herdade, a acção do criado, com ou sem auxílio do amassador, é sensivelmente maior e mais honrosa. Por que nesta hipótese não se restringe a fazer açordas e olhas mas também é o encarregado do monte, fiel e dispenseiro de tudo que nele se encontra de portas adentro, e ainda no exterior, como galinhas, bestas de carga, cevões, etc. Assim, além da cozinha e asseio das vasilhas, avia mantimentos, recebe a farinha do moleiro, entrega rações, cuida das galinhas, dos porcos do chiqueiro, das bestas de albarda, da condução do leite das cabras e do fabrico do queijo respectivo

(...) nestes serviços é coadjuvado por um *paquete* ou pelo amassador” (Silva Picão, Elvas, 1903).

Nos ranchos de **trabalhadores*** eventuais, contratados à jorna ou para alguma empreitada, estava incluído também incluído um cozinheiro, neste caso ele próprio um eventual. Fazia parte do rancho e cozinhava com as matérias primas que os jornaleiros levavam. Todas as manhãs aquecia a água e preparava a açorda, onde cada trabalhador colocava o pão, o azeite e os legumes e um ou outro pedaço de toucinho ou azeitonas. Em complemento à refeição podia acrescentar-se um pedaço de queijo. Se o rancho fosse de **Ratinhos***, o cozinheiro tinha a designação de *Migueiro*. Era frequente este trabalho ser exercido por uma mulher. A *Cozinheira* dos ranchos distingue-se da criada doméstica: esta era uma trabalhadora como as outras, que depois de preparar as refeições também participava nos trabalhos agrícolas. Por vezes a cozinheira era a mulher do manageiro: enquanto este vigiava o trabalho do rancho, a sua mulher “estava sempre debaixo duma árvore a fazer a cozinha para a gente” (fontes orais, Avis, 1998). No Monte Padrão, Figueira e Barros, encontramos uma Cozinheira no rancho especializado na “Tiragem da Cortiça” (1951).

Esta profissão está presente nas fontes desde pelo menos o século XVI. Encontramos cozinheiros na Casa de Bragança em Vila Viçosa (1583) e cozinheiras nos Livros de Décimas (Avis, 1690). Jorge Fonseca (1997) refere “O cozinheiro de sua alteza” em Évora, 1544, que possuía escravos. Simultaneamente, também havia escravos com esta categoria, como por exemplo o “índio de D. Ana de Ataíde que é cozinheiro” e várias escravas cozinheiras em Évora, em 1587. Os seus ajudantes incluíam o *Moço da cozinha*, também um escravo, em Vila Viçosa (Fonseca, 1997), o *Ajuda de Cozinha* (Monte Padrão Figueira e Barros, 1949-51), o *Ajuda do Cozinheiro* e *Para ajudar à cozinha* (Lopes de Azevedo, Avis, 1915). O cozinheiro podia acumular a sua profissão com outras ligadas à lavoura. Por exemplo nas Décimas de Avis em 1800 há um que acumula a sua profissão com **Rendeiro***; e em Vila Viçosa em 1887 há outro que acumula com **Seareiro***.

Nas pequenas explorações, tanto a Norte como a Sul, os **Lavradores***, que podiam ser proprietários, rendeiros, ou parceiros, contratavam sazonalmente jornaleiros para os

serviços que a unidade familiar não conseguia desempenhar isolada. Parte do salário destes trabalhadores era constituída pela alimentação, fornecida pela mulher do lavrador, que nestes casos assumia a função do cozinheiro.

Na segunda metade do século XX, e sobretudo após a instituição das 8 horas de trabalho em 1962, o trabalho do cozinheiro das casas agrícolas desapareceu por completo. Uma das reivindicações da greve que se verificou nesse verão foi precisamente a de os trabalhadores levarem a sua própria comida. Os poucos cozinheiros que ainda existiam nos montes por essa altura passaram a cozinhar apenas para a família do lavrador ou tiveram mesmo de mudar de profissão.